

*Ao Francisco e à Maria, meus filhos,
que um dia saberão o valor da liberdade*

«Vejam todas estas pessoas. São incapazes de fazer uma revolução. Estão demasiado humilhadas. Têm muito medo, estão muito oprimidas. Mas daqui a dez anos os que têm 10 anos terão 20. E os que têm 15 terão 25. Ao medo herdado dos seus pais acrescentarão o próprio idealismo e impaciência. Alguém se apresentará e representará os seus sentimentos inconfessáveis. Alguém lhes prometerá um futuro. Alguém fará exigências. Alguém falará de grandeza e sacrifício. Os jovens e inexperientes darão a sua coragem e a sua fé aos cansados e incertos. E depois haverá uma revolução. E o nosso mundo afogar-se-á em sangue e fogo.»

O Ovo da Serpente, filme de Ingmar Bergman

«O truque mais esperto do Diabo é convencer-nos de que não existe.»

BAUDELAIRE

«Dir-vos-ei o que me trouxe à posição que alcancei. Os nossos problemas políticos pareciam complicados. O povo alemão não podia fazer nada com eles [...] Eu, por outro lado, reduzi-os aos termos mais simples. As massas compreenderam isso e seguiram-me.»

ADOLF HITLER

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	19
PRÓLOGO	25
Nota do editor	35
DEUS	37
O TRIUNFO DA VONTADE	39
Um político tabloide	42
O Chega e os «netos» de Jaime	49
«Cheios de ódio e rancor»	55
O POPULISTA DE DEUS	58
E Deus descobriu as mulheres	62
«Ó puto, tem lá calma contigo!»	66
Dr. André e Mr. Ventura	68
Sexo, drogas e o romancista dilettante	74
«Vejo-me como um serviço público»	80
A antecâmara do <i>bully</i>	82
«A culpa é do Benfica»	88
Um populista em construção	93
Pacheco de Amorim: a verdade da mentira	96
PECADO ORIGINAL E SUBMUNDO	104
O Frankenstein de Loures	110

PSD até dizer Chega!	113
O homem de ação.	119
A cisão estava escrita	124
Agressividade ao rubro	126
A evangelização do partido	133
Ventura e o Zé da Esquina	136
«Um partido de gente maluca...»	138
Chega aqui, Brasil	143
Assinaturas: a grande trapalhada	149
Chega, mas devagar: a saga do «Basta»	156
A viragem de Rita Matias	159
Hells Angels ao jantar	161
Como chamar a atenção	164
Europeias 2019: é fazer as contas	169
Era uma vez em Algés	172
 SALAZAR 2.0?	176
O Chega e as sombras	177
A cor do dinheiro	182
Programa? Qual programa?	189
 O «HITLERZINHO DE MERDA»: UMA TARDE NO ESTORIL	192
Chega, ano 1: para maiores de 18	192
Ventura eleito, país no divã	208
Alentejo: ir aonde ninguém ia	209
Era uma vez o PCP	212
A ressaca do PSD	215
E Cléon entrou na Assembleia	217
Chamem a polícia	223
 O CAVALEIRO DAS TREVAS	229
Porta aberta a extremistas	231
Graça, a «besta negra»?	234
Machado, NOS e o Chega	239
Áustria não, jantares sim	241

OS DIAS DO «VALE TUDO»	243
Milícias de perfis falsos	247
Telemóvel, a «máquina de guerra»	253
CHEGA INTERNACIONAL CLUBE	258
Lourenço: a última entrevista	261
O REINO DO PREGADOR VENTURA	279
O brasileiro Drummond	282
O partido e as massas	284
Touradas, Cristina e fúria	292
Estranhos no seu próprio país	295
O Messias em Portalegre	299
Ventura, o antídoto	303
DEUS NO COMANDO	308
Como confinar ciganos	310
Adesão e revolta evangélica	314
Da Maná ao convite do Chega	319
A igreja que não sevê	321
O maná Chega	326
O «cisma» de Braga	331
Da família PT ao Chega	333
PÁTRIA	341
CONTRA AS ELITES, VENHAM AS ELITES	343
Convidados de luxo	346
Coleta de província	350
América proibida	352
Realidade alternativa	355
O mistério húngaro	358
O amigo Orbán	360
Chega e Orbán: as falsidades	365

BEM-VINDOS AO LODO	368
Um partido na lama	374
Coca: «assunto classificado»	377
QAnon à portuguesa.....	383
Com a «verdade» me enganas	387
O pantanal é aqui	391
Sousa Uva sem filtro.....	397
«Agora apareceu alguém para ajudar...»	400
«O Chega subiu-lhe à cabeça»	402
O SEGREDO DOS AÇORES	406
Chega para aqui, Chega para lá	408
O acordo segundo Rio	412
Visto dos Açores	415
Como combater o Chega	417
OS «INIMIGOS DO POVO»	420
O salvador da pátria	423
As lições do Tonecas, versão Ventura	426
Uma campanha à Trump	428
Ameaças e intimidações.....	431
Eu, agente infiltrado.....	434
«Temos de jogar baixo»	439
AUTÓPSIA DE UM CRIME	443
Uma família contra o populismo	444
Memórias de Leonor	447
VIAGENS NO PAÍS DO CHEGA	453
Hammerskins nas listas	457
Manual de campanha	461
Jenny e o sistema	464
E o Porto aqui tão perto.....	466
Quase «morto» no deserto.....	467
Os «segredos» de Cidália	470
A «moura» de Ventura	473

Voto e debandada	477
Mithá, um intelectual no Chega	480
FAMÍLIA	497
CHEGA UNIPESSOAL	499
O CSI do Chega	500
Cativar as elites	502
Coimbra: eu <i>show</i> Ventura	507
O guardador de rebanhos	509
Deus & Chega, Unipessoal	513
Tudo em família	517
Sindicalismo não é aqui	521
Dr. Arroja ataca de novo	523
Plágio, Salvini e Fátima	526
YMCA e a «falha identitária»	527
Chega, versão académica	529
Ventura: dizer e fazer	532
Como camuflar donativos	534
De congresso em congresso	537
Poder total	540
DO PPM AO CHEGA: OS CADERNOS DE TÂNIA	544
Viver no PPM	546
«Muitos generais e poucos soldados»	549
«SE ISTO NÃO É O FIM DO MUNDO...»	554
Maria Helena Costa: um dicionário	558
A aliança luso-brasileira	571
Memórias de António Ferro	574
Kim de Mem Martins	576
A última tentação do pastor Tito	582
Gerardo atrás do pano	583
Subterrâneos digitais	585

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA DIREITA HARDCORE	588
Dois deputados «de bem»	590
As piruetas de Ralha	595
Um partido de alta tensão	597
E Ventura «privatizou» o Chega	600
E o polícia zangou-se	604
Agência de empregos	607
O «BRAÇO ARMADO» DO CHEGA	609
Quem são eles	610
Fora da lei	613
Chega escondido	614
Os sinais de alarme	617
PASSA POR MIM EM SANTARÉM	620
Um partido capital	621
Universos paralelos	623
Noites de Santarém	625
TRABALHO	629
AS MIL E UMA REDES DA DIREITA	631
O «consórcio» das direitas	632
Ventura, «baita quadro»	635
Mithá, o Chega e as «redes»	637
De Leiria para a extrema-direita	640
Matias: o «braço» religioso	641
<i>Imagine</i> e os «tolos»	645
As duas faces do Chega	649
Ambiguidade é combustível	651
Um partido maior do que é	654
REGRESSO AO BASTIÃO ALENTEJANO	656
Histórias de imigração	657
O crime do «Cabra Alta»	661
Moura e os ciganos	664

Nixon e o chefe dos «correios»	666
O «patriarca» de Portas	669
Moisão, Avante! e Chega	671
Como o Alentejo mudou	674
O «TERRAMOTO» ESTAVA ESCRITO.....	677
«Luz da razão»	679
Abençoado e infiltrado	684
O criador Tavares	688
Um partido «pega-tudo»	690
O Texas pode ser aqui.....	694
Cartografia do Chega	695
Como se faz um «exército»	696
Extrema-direita: a barreira invisível?.....	700
Limpar Portugal ou o Chega?.....	702
O grande salto em frente	703
Democracia, <i>reset</i> ?	707
FUTURO, AGORA	710
E o Chega entrou nas aulas.....	712
Ritas, Mileis e TikTok	716
A extrema-direita é <i>cool</i> ?	718
Vão-se os filtros	720
Os novos fenómenos	723
Eleitores de hoje e de amanhã	726
2025 e depois?	732
FONTES, LEITURAS E INSPIRAÇÕES	735
ANDRÉ VENTURA E O CHEGA: UMA CRONOLOGIA BREVE	747
AGRADECIMENTOS.....	749

INTRODUÇÃO

O Chega foi fundado em 2019 para combater «o sistema».

Para André Ventura, fundador e presidente do partido, o regime saído da Revolução de 25 de Abril de 1974 originou uma classe política corrupta, um país falido, uma justiça protetora dos «bandidos» e gerações de «subsidiodependentes» dos recursos do Estado, com imigrantes e minorias à cabeça. Por isso, propõe-se refundá-lo.

Estará o Chega à altura da missão ou será, ele próprio, o mais recente e ameaçador produto ideológico, de safra extremista, a alimentar-se da degradação democrática e da descredibilização da política?

Em que medida o Chega acolhe e amplifica as perversões do sistema que diz combater? De que engrenagens depende e como reciclou, inclusive no território digital, causas antigas da ultradireita marginal? Como seduziu, encenou e capitalizou o ressentimento, o desencanto e a sensação de abandono das geografias zangadas com a ação governativa? Como se impôs de forma agreste e disruptiva na paisagem política, atraindo largas e variadas camadas da população, mesmo as mais improváveis?

Que métodos usa, de que recursos dispõe? Como nasceu, cresceu e se preparou para alcançar o poder? Por onde andava, afinal, o «país Chega»?

Caro leitor, estas páginas poderão deixá-lo agoniado, confuso, enjoado. Com náuseas. É de propósito. São muitos nomes, episódios e histórias cruzadas. Anos violentos, vertiginosos, com muitos segredos, protagonistas, reviravoltas.

Talvez queira sair a meio da montanha-russa ou do carrossel.

A minha esperança é que faça a viagem até ao fim, mesmo quando estes capítulos o deixarem mareado. São muitos e variados os bastidores, as circunstâncias, os hábitos, os interesses, os comportamentos. São muitos os nomes, repito, mas leia este livro como se observasse, de perto e na intimidade, desavenças, arrufos e desfechos de uma família política que irrompeu no quotidiano nacional como um tsunami que tudo varre, da convivência democrática aos alicerces de uma República em liberdade.

Grande parte dos últimos seis anos foi passada a estudar o Chega e, depois, a escrever sobre ele. Fi-lo em nome do jornalismo em que acredito, colocando-o ao serviço do debate político esclarecido e do aprofundamento da qualidade da democracia, hoje ameaçada por protagonistas e recicladas assombrações de um passado que julgávamos enterrado.

Chamar ao Chega partido fascista ou de extrema-direita contém alguma verdade, mas está longe de ser toda a verdade. Importa, pois, não confundir o seu eleitorado com quem manda, dirige ou nele investe pequenas fortunas para defender interesses individuais ou de casta. As razões de uns nem sempre coincidem com as motivações de outros. Os seus eleitores, para lá das tribos mais ou menos racistas, xenófobas, saudosistas, oportunistas ou fanáticas, têm traços comuns a outras forças políticas: a desilusão com os aparelhos partidários, a indignação pela forma como o Estado e o bem comum são geridos, a revolta contra a negligência, o esquecimento e o abandono. O Chega, porém, também organiza emoções e sentimentos que estavam dispersos, submersos ou nas franjas da sociedade. E incorpora doses de ressentimento, raiva, ódio, desprezo, desespero e preconceito nunca vistos no plano nacional.

Se algo podemos verificar neste tipo de partido é o facto de projetar nos adversários os pecados e vícios que habitualmente comete longe dos holofotes.

A maioria dos capítulos que vai ler neste livro é material inédito, mas contém ainda textos, artigos, reportagens e investigações que publiquei, na esmagadora maioria, na revista *Visão*, e uma pequena parte no *Público*. Foram adaptados, retalhados ou desenvolvidos, mas o essencial, e novo, foi recolhido a partir de milhares de páginas de documentos que nunca viram a luz do dia. São também fruto do meu olhar sobre eventos ou acontecimentos que presenciei ou de que tive conhecimento através de fontes fiáveis, bem como mais de uma centena de entrevistas e depoimentos sobre momentos-chave da vida do Chega. Quis, genuinamente, conhecer este movimento histórico em todas as suas facetas. Não me contentei com telefonemas nem guardei uma distância higiénica, como muitos me recomendavam.

Almocei, jantei, partilhei horas e dias com os seus dirigentes, militantes e apoiantes nas mais variadas circunstâncias. Fi-lo, muitas vezes, sem olhar para o relógio, querendo perceber, entender, ouvir e conhecer as suas biografias antes do Chega, também por acreditar que nelas estaria a explicação para o caminho político que, a dada altura, tomaram.

Por alguns, esperei um ano. Ou mais. Por outros, não tive de esperar.

Muitos dos que, no início, me insultavam nas redes sociais ou ao vivo acabaram por me confiar documentos e revelações. Alguns nem sequer precisaram de romper relações com o Chega para falarem comigo. Ainda lá estão. Têm os seus estados de alma. Entre as minhas fontes no partido, tenho quem ainda me envie postais pelo Natal. Talvez porque, independentemente de todas as diferenças e propósitos, foi possível definir um lugar de encontro, civilizado. Não necessariamente concordante, mas um lugar onde, num mundo polarizado, atomizado e de trincheiras cavadas, alguns diálogos e conversas ainda possam acontecer e sobreviver ao frenesim e à espuma dos dias. Para memória futura.

Numa época em que «as pessoas não falam sobre os assuntos, falam umas contra as outras», como diz Gábor Tompa, dramaturgo e encenador romeno-húngaro, talvez essa consciência seja o oxigénio de que precisamos. Este livro, investigação e memória sobre os primeiros anos do Chega para a política portuguesa, a democracia

e a saúde da República, deve muito ao que os seus fundadores, dirigentes, militantes e eletores, de Portugal inteiro (e também do estrangeiro), me confiaram ou revelaram. Sem eles, não haveria o Chega nem existiria este livro. Convém não esquecer que o Chega não veio de Marte.

O jornalismo, pelo menos como eu o entendo, deve comprometer-se com o escrutínio público democrático e a defesa dos direitos consagrados na Constituição, com as conquistas da liberdade e do progresso humano, sob pena de não conseguir olhar-se ao espelho. Não pode normalizar nem agir como megafone de discursos, narrativas, percepções e argumentos que distorcem e fragilizam a democracia. O seu trabalho de casa é aprofundar e velar pelo debate de ideias que assegure e amplie o esclarecimento público sem se tornar parte ativa das trincheiras partidárias, agente ativo da desinformação ou mero ofício de arremesso. Como escreveu Isabel Lucas, jornalista que admiro, o nosso «porquê» não pode ser o da arrogância, da sobranceria, mas o da verdadeira vontade de perceber. Mesmo que não abdiquemos de escrever — e eu não abdico — de forma incisiva.

A história do Chega é também a de um político forjado no sensacionalismo, com um poderoso microfone, dono de um discurso incendiário e de um partido que o aplaude em apoteose. Atrás do pano, essa mesma força política também se revela um cortejo de traições, intrigas, vendettas e disputas sanguinárias pelo poder, por vezes com relevância criminal.

O meu desafio foi, pois, tentar contar a minha versão da história do Chega com a profundidade, a arte e a sedução da novidade, mesmo a quem já possa ter opiniões fortes sobre o partido e o seu líder. No fundo, tentar levar o leitor para dentro do Chega, inseri-lo nas conversas, nos episódios, nas narrativas, como se tivesse lá estado e, assim, conhecer, pela minha mão, o que a sua fachada pública por vezes oculta ou ilude. Se o consegui ou não, o leitor dirá, mas tenho plena consciência de que estas não são páginas fáceis.

Diz o historiador italiano Emilio Gentile que a palavra «fascismo» não significa nada quando se torna uma palavra que se pode aplicar

a tudo. «É como máfia», explica. «Se tudo é máfia, nada é máfia.» O que deve procurar compreender-se e narrar, sugere, «é o presente». A idade «selvagem» do presente e a idade dos «selvagens» no seu estado de ignorância, angústia e hostilidade. E fazê-lo com a noção de que uma democracia pode assumir, ironicamente em nome da soberania popular, características que a violentam e destroem. Os instintos humanos, os mais perversos e autoritários, continuam cá, mas, como disse alguém, os populistas não podem trovejar contra problemas que já foram resolvidos. Talvez seja essa a lição para o futuro.

M. C.
Porto, junho de 2025

REMOS
D FIM

ILEGALIZA



PRÓLOGO

AÇÃO DO CHEGA NÃO!

Na primavera de 2020, meses após ser eleito deputado único do Chega no parlamento, André Ventura receou a ilegalização do partido fundado um ano antes e temeu pela segurança pessoal.

Soube-se que, no topo da hierarquia policial, o próprio Ventura e o dirigente nacional Luís Graça (sobre quem a imprensa revelou anti-gas ligações à extrema-direita e a neonazis) estariam sob investigação. A qualquer momento, poderiam ser presos e o partido ilegalizado. A informação, supostamente reservada e proveniente de «fontes amigas», «caiu no colo» do líder. E era uma granada sem cavilha. O alarme soou, mas a «notícia» manteve-se num grupo restrito de dirigentes. Quando soube, um deles chorou e urinou-se.

Sobressaltados, Ventura e o círculo íntimo, não mais de quatro pessoas inicialmente, acreditaram que estaria em marcha uma operação da Polícia Judiciária e dos serviços secretos para «decapitar» o Chega, e que a mesma teria por base suspeitas de ligações a organizações violentas e financiamentos da extrema-direita internacional, logo ilegais.

Um documento enviado à direção, no qual se incluíam vagas referências a esses temas, contribuiu para adensar o mistério. Redigido por responsáveis regionais e nacionais descontentes com o rumo do partido à época, o texto circulou internamente e admitia-se que o Ministério Público possuísse cópia. Em Setúbal, numa reunião

conspiratória de dirigentes, insinuou-se a existência de um cheque de 500 mil euros, enviado por setores da extrema-direita austríaca e depositado nas contas bancárias do Chega. Tudo soava a delírio, mas nenhum dos presentes pareceu habilitado a responder a perguntas básicas sobre o financiamento: quem, onde, quando, como e porquê? Mesmo assim, alguns dirigentes ameaçaram divulgar o tal cheque. Anos depois, continuamos à espera.

Neste clima de contornos paranoicos, esboçou-se um plano de fuga para Ventura e a passagem do Chega à «clandestinidade». Luís Graça vestiu a pele de estratega. Rodrigo Freire, à época líder da distrital de Leiria, soube mais tarde o que se preparava longe de olhares comprometedores. «Fomos comer sandes de couratos a uma rulote em Alhandra», conta. «Aí, o Graça explicou-me a urgência de pôr a operação em marcha.»

Quando, no início de 2024, abordei o assunto com o então presidente da mesa da convenção, ele não desmentiu a história. Porém, dado o melindre do tema, não fala dela em público. Se o fizesse, talvez contasse como se descartaram as primeiras opções de fuga equacionadas e como se elaborou um plano B. Espanha seria o destino imediato, mas, à época, a Península atravessava a fase mais dura da pandemia e a circulação fronteiriça havia sido encerrada. Deu-se então prioridade à fuga para Marrocos, a partir da costa algarvia, e depois em direção à Costa do Marfim. O plano passou da teoria à logística na Quinta das Nespereiras, em Odiáxere (Lagos), na moradia de luxo do empresário Arlindo Fernandes, que era militante do Chega.

Antigo deputado do CDS por um curto período nos primeiros anos de democracia, alvo de processos judiciais devido a negócios imobiliários e branqueamento de capitais, Arlindo Fernandes ofereceu guarida a um grupo de dirigentes do partido e prometeu tratar da travessia para o outro lado do mar. Na sua linguagem peculiar, resumiu o assunto deste modo: alguém de dentro da «Casa Grande» [Procuradoria?] dera ordens para prender o líder do Chega e os dirigentes mais próximos. Depois, segundo Arlindo, a PJ apareceria de madrugada para «armazená-los». Havia, pois, que acolhê-los e garantir a sua segurança.

Para tal tarefa, ninguém melhor do que ele, assumiu: tinha bons contactos na região e habituara-se a «tirar» a polícia do caminho.

A relação empresarial com Rodrigo Freire e a proximidade a Diogo Pacheco de Amorim desde os tempos do CDS facilitaram. «Borradiños de medo», na versão do algarvio, apareceram-lhe então em casa André Ventura e a mulher, Dina, Diogo, Luís Graça, Ricardo Regalla e a mãe, Ana Maria. Caso fosse necessário, deviam permanecer por ali três ou quatro dias. Os contactos com o «mundo exterior» seriam feitos através de telemóveis descartáveis ou «macacos», como alguém lhes chamou.

Combinou-se, entretanto, que a fuga dos dirigentes do Chega, e apenas deles, se faria através de uma lancha rápida em direção a Tânger. A embarcação estava em Sagres, mas zarparia de Lagos numa viagem de seis a oito horas, dependendo das condições marítimas. Arlindo e os seus homens de confiança conheciam bem a costa algarvia e as vigilâncias da Polícia Marítima.

Alguém esperaria Ventura e os dirigentes do Chega no porto marroquino. A lancha voltaria para trás com outros ocupantes, em número idêntico, para não levantar suspeitas. «Tudo para defender a liberdade e a democracia, disse a mim próprio, armado em bom samaritano», comenta o empresário. Além de evitar a alegada prisão iminente de Ventura e de parte do seu núcleo duro, a fuga pretendia contrariar o silenciamento do líder. O chefe máximo do partido continuaria a falar ao país, mas agora a partir do «exílio», qual mártir perseguido e escorregado. O episódio fez-me lembrar Kurt Thiele, um conhecido de Hitler, que desprezava a faceta egocêntrica e conspirativa do «agitador de cervejarias» e que um dia lhe atirou: «Acho que cagaste na cabeça e te esqueceste de puxar [o autoclismo], certo?» Surpreende que ninguém se tenha lembrado de questionar Ventura acerca da insanidade deste plano.

O «estado-maior» do partido acreditava que o «sistema» perseguiu, de facto, o seu líder e pretendia «apagar» o Chega do cenário político. Se a informação recebida através de figura de confiança, supostamente bem colocada nas autoridades policiais ou nas «secretas», era verdadeira, os envolvidos nunca conseguiram confirmar, mas acreditaram e puseram o plano em marcha.

Hoje, alguns deles já admitem que o partido pode ter sido vítima de uma «casca de banana». Com a falta de indícios sólidos ou o recuo

da alegada operação policial contra o Chega, o plano de fuga de Ventura foi abortado e a história enterrada, embora o enredo policial não fosse deitar fora.

Enquanto isso, o partido procurou auxílio estrangeiro. «O Chega estava muito assustado com a possibilidade de ser ilegalizado pelo Tribunal Constitucional (TC), não tinha nenhum aliado em Portugal e sentiu que precisava de proteção de um grupo internacional», enquadrou o politólogo italiano Riccardo Marchi à Visão. Disse-o a propósito da adesão do partido, em julho de 2020, ao grupo Identidade e Democracia (ID), a «família» europeia de direita onde se acomodavam as forças políticas conservadoras mais extremistas.

No fim de novembro, Ventura dramatizou o discurso em resposta ao então presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina. O autarca do PS defendera a ilegalização do Chega por ser «xenófobo, racista e intolerante». «Uma afronta!», protestou o líder do partido. «Se o Chega for ilegalizado, os seus apoiantes, militantes e dirigentes não desaparecerão por magia e continuarão a fazer a sua luta, na clandestinidade, contra um sistema que esqueceu o que era a democracia.» E repetia: «Não deixaremos de lutar mesmo que usem as armas mais baixas contra nós. Ilegalizar o Chega é remeter milhares de pessoas para a luta de clandestinidade... E nós estamos dispostos a isso!», prometeu.

A 18 de abril de 2021, Ventura encenou mais um ato com impacto público: centenas de militantes e eleitores manifestaram-se nas ruas de Lisboa «contra a ilegalização do partido» e passaram à porta do Tribunal Constitucional.

Ali dera entrada um pedido de apreciação nesse sentido com origem numa queixa da eurodeputada socialista Ana Gomes ao Ministério Público (cujos desenvolvimentos são desconhecidos à data da publicação deste livro).

A ex-candidata presidencial e as advogadas Carmo Afonso e Madalena Vaz da Silva pediram a extinção do Chega com base na alegada prática discriminatória em relação a raça, cor, nacionalidade, origem étnica, ascendência ou território de origem. «Note-se que o conceito de raça está, desde finais do século xx, reconhecido como uma invenção cultural sem qualquer base científica», sustentaram na queixa.

No congresso de Coimbra, entre 28 e 30 de maio daquele ano, o «fantasma» do fim do Chega continuava a assombrar o seu líder. «Devemos deixar claro ao país», ameaçou, «que não aceitaremos uma decisão judicial de ilegalização do partido e que isso representará a definitiva “venezuelização” do regime político português», concluiu. Ventura pediu aos congressistas que definissem «os termos e os modos de luta e resistência caso o sistema remeta o partido para a ilegalidade e para a clandestinidade». Na verdade, nesse fim de semana ninguém levou o assunto a sério.

A 10 de agosto, o «chefe» do Chega escalou o dramatismo: sugeriu que a vacinação contra a covid-19 poderia ser o pretexto para o matarem caso ele cumprisse as orientações preventivas do Ministério da Saúde. «Se eu acho e estou convencido de que o Governo português ficaria feliz em silenciar-me? Naturalmente! Se existem neste mundo forças que, de bom grado, me eliminariam, física e politicamente? Sem dúvida!», publicou Ventura na rede social Twitter (atualmente X).

A 21 de setembro de 2021, durante um almoço-convívio do partido em Santarém, o vice-presidente António Tânger Corrêa acrescentava um «segredo de Estado» à narrativa, onde eram evidentes semelhanças com a «informação» que estivera na origem do plano de fuga para Marrocos. Segundo o antigo embaixador, fora criado «um grupo de trabalho entre a “secreta” e a PJ para incriminar o Chega», ligando-o a movimentos negacionistas da pandemia. Ventura confrontou os responsáveis pela Segurança Interna e os ministérios alegadamente envolvidos na conspiração para envolver o partido «de forma forjada ou falsa». Ficou a falar sozinho, mas o mote estava dado.

Jogou-se uma última cartada. A 7 de outubro, André Ventura credibilizou denúncias da alegada jornalista Cristina Segui, fundadora do espanhol Vox, nas redes sociais. «Não espanta nem admira que estejam a ser preparadas ações violentas contra o Chega com o apoio da extrema-esquerda e de serviços secretos internacionais. Apelamos às autoridades portuguesas que tirem a limpo e levem à justiça, sem contemplações, quem possa estar a preparar isto.» «Isto» baseava-se no boato de que o BE e o Podemos, com a ajuda dos serviços de inteligência cubanos, estariam a preparar ações violentas contra o Vox e o Chega.

A 19 daquele mês, Ventura voltou às teses conspirativas de Segui: o escândalo, agora, era a suposta intenção das autoridades portuguesas

de lançar o seu nome e o do Chega na lama, «com provas falsas, com crimes de corrupção e ligações à extrema-direita internacional». O plano teria sido exposto a partir de «fugas de informação nacionais e internacionais», mas o presidente do partido não citava fontes. «Ataque ao Chega e a André Ventura vai acontecer. Informações internacionais revelam que as autoridades portuguesas estão a tentar envolver o partido e o seu líder em processos judiciais, com base em provas falsas», lia-se numa imagem partilhada pelo deputado.

Antiga hospedeira, formada em desenho gráfico, Cristina Segui era conhecida em Espanha pelos processos judiciais e condenações por difamação. A sua relação com a verdade assemelhava-se à que Trump tinha com os factos. Era esta a fonte de Ventura.

Hoje, a rocambolesca história do «exílio» em Marrocos e episódios posteriores parecem ter saído de um sketch dos Monty Python, a que se juntaram pitadas de «gabinete do ódio» à brasileira e delírios americanos *à la QAnon*. Ou então não passaram de uma alucinação coletiva. «Tenho receio de ser assassinado, mas não acredito em conspirações malucas», dizia Ventura, em janeiro de 2025, ao *Sol*. O «edifício» conspirativo do Chega, na verdade, nunca se desmoronou. Alicerça-se na tese de que o líder e os seguidores se encontram «sob o olhar, alcance, vigilância e poder esmagadores de um sistema distópico, omnipotente e omnipresente», na descrição do académico Manuel João Cruz, especialista em narrativas populistas.

A vida pública do Chega aparece sempre armadilhada por maquições ou conjuras dos adversários. É a tese de um partido «sob ataque» do «sistema», alvo constante de ameaças e de tramas por parte de outras forças políticas ou poderes ocultos. A vitimização contribuiu para o ruído digital de que Ventura precisou para afirmar um projeto personalista e de assalto ao poder sob a forma de sistema presidencialista em versão musculada. Ao socializar o seu narcisismo junto dos «crentes», socializou também a mania da perseguição.

Em 2020, a desinformação, a provocação e a propaganda difundidas pelo Chega ainda estavam numa fase amadora, embora pujantes, mas o partido e o seu líder, inspirados nos exemplos de Donald Trump e Jair Bolsonaro, viciaram o debate político com uma torrente

de pós-verdades, tensões, manipulações e ilegalidades. Lançaram o caos informativo, contaminaram a agenda política e pulverizaram o tradicional *mercado de ideias* partidário.

O Chega tornou-se então propulsor de uma «epidemia» mediática: alimentar o debate, viciando-o no confronto, no alarmismo e na esquizofrenia. A direita radical já nascera ciberpopulista, em modo *bullying*, mas também queria ocupar a rua, ganhá-la à esquerda com a mesma receita.

No território *comanche* do digital, nas artérias das áreas urbanas, na casca e na gema das instituições democráticas, o Chega foi beligerante, contundente. Engrossou um caudal subversivo, polarizador e veloz, recheado de artifícios e malabarismos. Adversários e certa imprensa morderam o isco. Ampliaram rastilhos, trincheiras. A direita sem baias agradeceu, cresceu e multiplicou-se. Anunciadas como a ágora de Atenas, as redes sociais revelaram-se o Coliseu de Roma, como ironizou o professor espanhol de Jornalismo Ramón Salaverría.

Extasiados, Ventura e o partido exacerbaram a narrativa incendiária *ad nauseam*, reciclando fórmulas antigas. Realidade alternativa, manipulação ou invenção de histórias juntaram-se à crença numa «verdade» transcendente aos factos. Ventura e o Chega nada inventaram, mas tudo parece novo. «A essência da propaganda é a simplicidade e a repetição», escreveu Goebbels, ministro da Alemanha nazi, no seu diário pessoal.

A premissa mantém-se simples: só por intermédio do líder, e do Chega, se acede ao privilégio de conhecer a «realidade». Tudo o resto é lixo «inimigo». O objetivo é o mesmo da fundação do partido: instaurar a Quarta República, esquiço antigo de Ventura. «O fascismo», escreveu Federico Finchelstein, «defendia uma forma divina, messiânica e carismática de liderança que idealizava o líder como estando organicamente ligado ao povo e à nação».

O historiador argentino dedicou os seus escritos à expansão mundial do fascismo, e às suas novas roupagens, ao longo da História. Para ele, a propaganda associada ao velho modelo, agora refinada e camuflada, foi sempre a metáfora de uma fé. Uma fé cega que não precisa de provas ou validade científica: basta-lhe uma crença e um «enviado de Deus». Para o bem e para o mal, o Chega tinha ambos. Esta é a sua história.